

NOTA EDITORIAL

Mantendo a proposta que a definiu desde a publicação de seu primeiro número, a revista *Metamorfoses* 14.1 dedica suas páginas a estudos das literaturas de língua portuguesa. Sempre foi seu propósito divulgar estudos críticos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se dedicam à pesquisa nas Literaturas Portuguesa, Brasileira e Africanas de Língua Portuguesa, cumprindo, de forma bem-sucedida, os objetivos da Cátedra Jorge de Sena para estudos luso-afro-brasileiros.

Luiz Maffei inaugura a seção dedicada aos ensaios críticos de Literatura Portuguesa, com um instigante estudo sobre a poesia camoniana, ao trazer ao público ideias que apontam para a relação da obra do maior poeta português com a realidade, ressaltando que essa relação, em seus múltiplos aspectos, se dá “em estado de abertura”. A partir dessa perspectiva, é possível entender-se como o poeta torce “noções unânimes do seu tempo” para adequar-se à experiência, frente à necessidade de rever “verdades culturais”. Maria Theresa Abelha Alves e Victor Azevedo trazem ao leitor a obra de Mário Cláudio, escritor contemporâneo, ganhador de prêmios que tornam visível uma obra de qualidade incontestada. Maria Theresa aborda questões fundamentais da obra do escritor português no romance *Gêmeos* (2004), que integra a “Trilogia das Constelações”. Victor Azevedo dedica seu ensaio à “Trilogia da Mão”. Em *Gêmeos*, a estudiosa dá destaque à relação entre literatura e pintura, ressaltando que, no romance, há uma intrínseca relação de cumplicidade entre o texto e as telas de Goya. As figuras saem das telas para transformarem-se em personagens na ficção criada. Questões de natureza histórica, etnográfica e cultural, no contexto em que a obra se insere, dão ao Pesquisador a possibilidade de comprovar que “cada apreciador de um quadro cria o artista que o pintou”. Victor Azevedo não foge ao que afirma o Pesquisador da ficção. Como pesquisador e ensaísta, analisa com olhos de leitor atento ao fenômeno literário, os procedimentos narrativos que definem a trilogia de Mário Cláudio. Constata que recursos intersemióticos singularizam os narradores marioclaudianos em *Amadeo*, *Guilhermina* e *Rosa*, o pintor, a musicista e a artista plástica recriados nos três romances que compõem a Trilogia. Ainda na senda da contemporaneidade, Isabel Cristina Rodrigues dá à leitura um dos primeiros, senão o primeiro estudo crítico sobre o romance de Alexandra Lucas Coelho – *E a noite roda* –, jovem escritora e jornalista, ganhadora com esse romance, em 2013, do Grande Prêmio de Romance da APE (Associação Portuguesa de Escritores). Ao longo do ensaio, demonstra que a memória é repositório das velhas lembranças “das pequenas pátrias”, que não mais se volta a habitar senão

pela escrita. Entre “a escrita do mundo, a palavra do romance e o lirismo arcaico dos cantares de amigo” se constrói uma narrativa em que a casa por habitar, mesmo perdida, é lugar sagrado, ainda que “sem país onde fincar o prumo da alegria”. Finaliza a seção o estudo de Roberto Bittencourt sobre o dramaturgo António Patrício. Situando-o com propriedade no contexto finissecular, assinala o que caracteriza esse período: as múltiplas tendências, simbolistas e decadentistas. Faz questão de sublinhar que, de seu ponto de vista, Patrício é um escritor heterodoxo cuja obra se inscreve na convergência do Simbolismo e do Saudosismo, sem, todavia, deixar de acompanhar o processo estético que ali se desenvolvia, compondo, por isso mesmo (mas não só), uma obra original.

Inaugura a seção dedicada à Literatura Brasileira o ensaio de Ronaldo de Melo e Souza, que trata do perspectivismo na obra do filósofo espanhol Ortega Y Gasset. Pode causar certo estranhamento a inclusão, numa revista que trata especificamente do fenômeno literário, de um ensaio eminentemente filosófico. Mas aqui está, tento em vista a sua importância para o estudo da modernidade, já que a obra do filósofo promove uma revolução no pensamento ocidental, ao estabelecer o princípio de que é o perspectivismo “a forma legítima de conhecimento compatível com a realidade da vida humana”. Destaca que o pensamento do filósofo supera os impasses criados por tendências imobilistas, ensinando que a vida requer um pensamento que não se pode imobilizar na abstração dos conceitos, “mas que se dinamize na fluidez do corpo movente das imagens”. Nesta perspectiva, o ensaísta ainda torna visível o diálogo entre o pensador espanhol e as ideias de Einstein. Anélia Pietrani toma por objeto de leitura o trabalho crítico sobre tradução, de autoria da poetisa Ana Cristina Cesar para refletir sobre esse processo, fazendo dialogarem as vozes de Walter Benjamin e Haroldo de Campos, para discutir o conceito de tradução, de acordo com o primeiro, e o de transcrição, conforme o poeta, tradutor e ensaísta brasileiro. Considera, no trabalho de Ana Cristina Cesar, as notas críticas da poetisa para a tradução de um conto de Katherine Mansfield, objetivando verificar como podem corresponder-se o ato poético e o da tradução.

A seção dedicada às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa registra o trabalho crítico e ensaístico de Carmen Lúcia Tindó, Edvaldo Bergamo e Mário César Lugarinho. Carmen Lúcia discorre sobre três vozes representativas da poesia feminina nos dias de hoje. São vozes de São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau e Moçambique. Discute questões relevantes, como o pequeno número de mulheres com obras publicadas nesses países, embora sejam obras bastantes relevantes em que a poesia é problematizada nas suas relações tensas com a tradição. A escrita transgressora dessas mulheres, as relações entre poesia, afeto e história e a memória são objetos de reflexão da ensaísta. Edvaldo Bergamo analisa, em perspectiva comparatista, o romance *O retrato do rei* (1991), da brasileira Ana Miranda, e *Nação crioula* (1998), do angolano José Eduardo Agualusa, pondo em discussão a relação entre literatura e história. A colonização lusitana é refletida “numa perspectiva que enfatiza o olhar feminino acerca desse complexo his-

tórico e cultural em ebulição, especialmente entre dois espaços privilegiados: Angola e Brasil”. Mário Lugarinho reflete, em seu ensaio, sobre o modo como se formam as identidades masculinas no contexto colonial das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Seu propósito é proceder a uma revisão da tensão dialética entre colonizador e colonizado, em relação a “à imposição das masculinidades hegemônicas e não hegemônicas e, posteriormente, pela agência do ‘homem novo’”.

Jorge Valentim publica a entrevista que fez com Albano Martins, poeta, ensaísta e tradutor, escritor da geração da Árvore. Nesse contexto, o escritor nos fala sobre sua obra, sua trajetória de poeta e tradutor premiado, que aí também, em perspectiva crítica, discorre sobre o seu tempo, sobre a recepção de sua obra e sobre outros artistas seus contemporâneos.

A última seção – *Ler e depois* – recebe resenhas e resenhas críticas de obras recém-publicadas. Vinícius Carvalho apresenta-nos *A mão que escreve*, reunião de ensaios críticos assinados por Teresa Cristina Cerdeira. Jorge Marques traz-nos as *Flores artificiais*, de Luiz Ruffato. Rodrigo Jorge fala-nos da mais recente publicação das *Obras* de Cláudio Manuel da Costa, organização de Ivan Teixeira. Viviane Mendes de Moraes resenha *A rainha Ginga*, de José Eduardo Agualusa. Letícia Villela apresenta-nos *Paulina Chiziane. Vozes e rostos femininos de Moçambique*, volume organizado por Carmen Tindó e Maria Geralda de Miranda.

São todos estes trabalhos de grande qualidade acadêmica que muito engrandecem a revista e justificam a sua continuidade. Por isso mesmo esperamos que este número corresponda à expectativa do público, não apenas o de leitores especializados, mas também o de pessoas que se interessam pelas Literaturas de Língua Portuguesa. Encerro este editorial agradecendo a todos os colaboradores da revista, que batalharam conosco pela sua publicação.

Luci Ruas